

CONFIANTES NA ABSOLVIÇÃO

Genebaldo e Fiúza se dizem vítimas da pressa e de perseguição política

O ex-líder do PMDB na Câmara, deputado Genebaldo Correia (BA), criticou a suposta pressa com que foi apresentado o resultado das investigações da CPI do Orçamento. "O que mostra que o trabalho foi inconclusivo é que muitos casos ainda serão investigados pela Mesa da Câmara. Mas não acredito que houve má-fé." Incluído na lista dos parlamentares que deverão ser cassados, Genebaldo começa hoje a preparar a defesa que apresentará na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara e aposta que não perderá o mandato.

Um dos mais influentes líderes do Congresso até começar a ser investigado por participação na máfia que desviava verbas públicas, o deputado não acredita que tenha havido negociações e conchavos entre as lideranças políticas para livrar alguns nomes no relatório final da CPI. "O que acredito que houve foi uma atuação mais ou menos organizada de determinados partidos."

Apesar de ter prestado um longo depoimento na CPI, Genebaldo afirma que não teve possibilidade de se defender. "Uma auditoria feita nas minhas contas bancárias foi confrontada com os dados do disquete do Prodasen. Ficaram evidentes as incon-



Arquivo/AE

Fiúza: "certeza absolutíssima".



Arquivo/AE

Genebaldo: "sem defesa".

gruências, mas no relatório final permaneceram apenas os dados da primeira fase das investigações". Genebaldo, no entanto, acredita que sua situação poderá mudar na Comissão de Constituição e Justiça. "Estou muito

confiante de que lá impedirei a cassação. Caso contrário nem iria fazer minha defesa."

Já o deputado Ricardo Fiúza (PFL) afirmou no sábado, em Recife, que não existe nenhuma possibilidade de ser cassado pela Câmara. "Eu tenho absolutíssima certeza que não serei cassado. Não existe a menor possibilidade de cassação, porque na CPI é como se fosse um inquérito policial e você não tem direito de defesa". Fiúza disse que foi escolhido para "bode expiatório". "Os deputados diziam abertamente que sabiam da minha inocência, mas que tinham que punir a pessoa mais importante da direita do Brasil."

Fiúza disse também que vai se candidatar novamente somente para mostrar aos acusadores que "não se destrói um homem público com calúnias". Fiúza criticou a atitude do relator-geral da CPI, o também pernambucano Roberto Magalhães (PFL), que se julgou impedido de relatar seu caso por ser seu amigo e ex-advogado. "Ele devia ter tomado essa atitude mais cedo." Mas procurou amenizar as críticas. "Roberto sabia da minha inocência, mas cada um tem seu temperamento. Isso, no entanto, foi bastante prejudicial para mim."